

Capítulo 2 – Interação das fronteiras e o ponto de vista etnográfico: dinâmicas migratórias recentes em Governador Valadares²⁷

Igor José de Renó Machado

Este capítulo pretende expor uma reflexão sobre o complexo tema das fronteiras, ancorado numa perspectiva etnográfica. Aqui interessa a fronteira a partir de sua relevância entre os valadarenses, habitantes da cidade brasileira de Governador Valadares, o mais conhecido centro de emigração internacional no Brasil. Buscaremos não apenas elencar fronteiras que atravessam a experiência de valadarenses, mas estabelecer relações entre elas, uma vez que a etnografia desenvolvida na cidade indica que alguns processos apresentam afinidades com outros, não sendo possível, portanto, apenas

27 Este capítulo é uma versão do artigo originalmente publicado como Machado (2009).

descrever fronteiras. É necessário *explicá-las* em relação aos processos culturais produzidos em Valadares.²⁸

Para atingir tais objetivos, o trabalho é estruturado em duas partes aparentemente distintas, que correspondem a descrições etnográficas de duas ordens de fronteiras. A primeira parte demonstra a relação entre os fluxos migratórios valadarenses e diversas fronteiras geopolíticas que os sujeitos migrantes enfrentam: no caso, a fronteira México-EUA, os vistos para entrada no México e a fronteira europeia. Estabeleço uma ordem entre essas diversas fronteiras, construindo uma espécie de hierarquia de preferências “nativas” entre os candidatos a imigrantes valadarenses.

28 A pesquisa foi realizada em Governador Valadares em cinco momentos: o primeiro realizado em julho de 2005, por Ellem Saraiva Reis e Lara Rezende, o segundo realizado em fevereiro de 2006, por Ellem Saraiva Reis e Alexandra C. Gomes Almeida, o terceiro realizado em fevereiro de 2007, por Thaísa Yamaúe e Arielle Basinello, o quarto em julho de 2007, por Alexandra C. Gomes Almeida e Thaísa Yamaúe, e o quinto em janeiro e fevereiro de 2008, por Fábio Stabelini, Amanda Fernandes Guerreiro e Alexandra C. Gomes Almeida. Essas cinco visitas ao campo resultaram em 11 diários de campo e cerca de 70 entrevistas semiestruturadas nesses cinco momentos. Os entrevistados são, em geral, moradores de bairros pobres da cidade, marcados pela grande emigração internacional. Os argumentos desse texto se baseiam nas entrevistas e, principalmente, nos diários de campo. Essas visitas também resultaram em seis relatórios finais de iniciação científica, muito importantes para a sistematização dos argumentos aqui defendidos: Reis (2006) – CNPq, Reis (2007) – CNPq, Almeida (2006) – Propp/UFSCar, Almeida (2007) – Fapesp, Stabelini (2008) – CNPq e Guerreiro (2008) – CNPq.

Em seguida, considerando a descrição apresentada no capítulo anterior, de uma dinâmica cultural característica das camadas pobres em Valadares (e também de outras várias regiões brasileiras e portuguesas, ver, por exemplo Durham (1978)) que aparentemente não se relaciona com a descrição da hierarquia de preferências em relação às fronteiras geopolíticas apresentada anteriormente, desenvolvo nosso argumento principal.²⁹ Porém, com o desenvolvimento do argumento, ficará claro que o processo cultural, nomeadamente a construção de *Casas* em sentido levistraussiano³⁰ entre a população pobre da cidade, permite entender a importância da emigração como uma espécie de atalho para se atingir esse objetivo. A relação entre os dois “processos fronteiriços” é que o segundo, a divisão infindável dos núcleos familiares, impulsiona a intensidade do primeiro, o cruzamento das fronteiras geopolíticas. Há, portanto, uma correlação entre os dois processos: a construção de fronteiras *entre* núcleos familiares impulsiona à emigração internacional.

29 Originalmente, a emigração internacional valadarense era de classe média (ASSIS, 1999), mas o perfil vem mudando ao longo da última década, para uma emigração de classe média baixa e classes desfavorecidas, como atestam os trabalhos de Siqueira (2006, 2007). Nossa pesquisa não se utilizou de surveys para compor um quadro socioeconômico dos entrevistados, mas foi integralmente realizada em bairros carentes da cidade.

30 Na referida parte, explicaremos exatamente como entendemos a ideia de *Casa* em Valadares. Note-se que, quando a grafia utilizar a letra maiúscula e o itálico, estaremos nos referindo ao conceito e ao processo que ele descreve.

Obviamente, a construção das *Casas* não explica a imigração em Valadares de forma absoluta, já que uma série de outros fatores concorre para a promoção de uma sociedade de migração (cf., entre outros, Assis (1999), Fusco (2001), Soares (1999) e Siqueira (2007)), mas entendemos que é um ingrediente sem o qual a dimensão do fenômeno não teria chegado ao que vemos hoje em dia. A importância da descrição dos dois “processos fronteiros”, um de cruzamento de fronteiras geopolíticas e outro de construção de fronteiras *entre* núcleos familiares, é objeto da discussão na parte final do capítulo. Busco defender a importância da descrição etnográfica de *situações de fronteira*, fugindo da oposição colocada recentemente entre os usos da ideia de fronteira pelos *border studies* e os *estudos culturais*, que discutiremos ao final do capítulo.

O argumento é que a descrição etnográfica permite uma reflexão que estabelece relações de afinidade entre processos culturais; que o entendimento dessas conexões permite entender mais claramente os fenômenos; que o valor da ideia de fronteira não precisa ser relacionada nem aos exageros dos *estudos culturais* nem à necessidade de estudos em sociedades fronteiriças, como pretendem afirmar os defensores dos *border studies*; e, por fim, que uma visão a partir de “dentro” do grupo abre horizontes inesperados para o entendimento desses fenômenos. Assim, esse capítulo tenta trazer para o foco as unidades analíticas nativas como *explicativas* do pro-

cesso migratório, pretendendo entender o que eles consideram como suas fronteiras mais relevantes.

FRONTEIRAS GEOPOLÍTICAS E OS IMPACTOS NOS PROJETOS MIGRATÓRIOS VALADARENSES³¹

Nesta parte pretendemos demonstrar a relevância que as dinâmicas envolvendo a fronteira México-EUA têm para os habitantes de Governador Valadares e as decisões de migração naquela cidade. As decisões políticas de controle de fronteira nos EUA e as decisões sobre a necessidade de emissão de visto pelo México, por exemplo, são fundamentais na configuração dos processos migratórios em Valadares. Essas fronteiras, portanto, constroem a *mobilidade* dos valadarenses e têm implicações que veremos a seguir. Para isso, é necessário construir um rápido panorama da história da migração em Valadares.

A história da cidade de Governador Valadares (Minas Gerais, Brasil) está intrinsecamente ligada ao fluxo emigratório internacional. Desde o último quartel do século passado, tornou-se uma espécie de capital nacional da emigração. Como indicam vários autores (Assis (1999), Soares (1999), Martes (1999), Sales (1999), por exemplo), essa movimentação era destinada principalmente para os EUA. A emigração de valadarenses para os

31 Esta parte é um resumo do argumento apresentado em Machado e Reis (2007).

Estados Unidos ocorreu mais intensamente ao longo das últimas três décadas, causando, devido ao grande fluxo migratório, restrições à entrada e permanência de estrangeiros em solo estadunidense por meio da negação de vistos de forma mais abrangente. Assim, dada essa demanda e a dificuldade de emigração para os Estados Unidos, houve a formação, na cidade, de estruturas e agenciadores que auxiliariam a entrada na tão sonhada “América” e que usariam de meios ilícitos para a inserção dessas pessoas na sociedade norte-americana. A partir de outubro de 2005, o governo mexicano reintroduziu a necessidade de visto para a entrada de brasileiros no país, e, dessa forma, houve, novamente, uma modificação nas formas de atuação dos agenciadores da emigração. Uma das consequências dessa medida foi o aumento do custo e perigos para a aventura da migração não documentada,³² aumentando a busca por novos destinos, dos quais Portugal é o mais importante.

Os agenciadores da emigração constroem estruturas que envolvem, além de sistemas de empréstimos, como o esquema ilícito de agiotagem, segmentos de serviços que apresentam regularidade perante a lei brasileira, como no caso das agências de viagens, que auxiliam a entrada do imigrante no

32 Como também há dificuldades para os valadarenses conseguirem o visto para entrada em território mexicano, as opções são a entrada pela Guatemala, seguida de entrada clandestina no México e viagem clandestina até a fronteira com os EUA, ou a falsificação de documentos para conseguir o visto mexicano.

país de destino. Através das dicas de comportamento, das formulações de novas rotas de entrada dos valadarenses em Portugal e das reservas fictícias em hotéis portugueses, as agências de viagens contribuem para a efetivação dos projetos migratórios e aproveitam-se dessas demandas para extrair seu lucro.

Evidentemente, o fluxo de pessoas não se cria apenas com a intenção de elaborar novas rotas de migração (estas, no caso, menos lucrativas), mas também a partir da própria estruturação gradual de redes migratórias que se direcionam também a Portugal, processo que vem se complexando desde o começo do século. O mesmo processo por qual passou a migração para os EUA acontece agora com Portugal, só que intensificado pela existência prévia das estruturas ilegais de migração. Assim, muito rapidamente, em questão de 10 anos, estruturaram-se redes familiares de migração para Portugal, que estimulam ainda mais a movimentação de pessoas para este país.

Na nossa pesquisa encontramos um grande número de famílias com parentes nos EUA e em Portugal.³³ A grande maioria de nossos entrevistados, além de parentes em Portugal, tinha também parentes nos EUA. Assim, ficou evidente que as redes de migração estão se complexando e se estendendo por mais de um país, oferecendo alternativas diferenciadas para

33 O trabalho de Reis (2006) elaborou uma cuidadosa genealogia de 23 famílias valadarenses, e a maioria delas (cerca de 60%) possuía membros nos EUA e em Portugal.

os migrantes. Quando uma pessoa decide emigrar para outro país, ela geralmente tem condições de “optar” entre os EUA e Portugal e, cada vez mais, tem a opção de emigrar para outros países (como Inglaterra, por exemplo). Ela poderá contar, se não com algum suporte familiar, ao menos com o suporte de conhecidos em cada um desses países.

FRONTEIRAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Geralmente, as pessoas que não possuem condições financeiras para migrarem para os Estados Unidos procuram outros destinos. Os custos de uma migração para Portugal são muito menores, correspondendo apenas ao valor das passagens e o pagamento adiantado de diárias em algum hotel, mais o valor que as pessoas precisam ter em mãos para comprovar a capacidade de se “passarem por turistas”. Portugal consolidou-se, portanto, como uma alternativa mais barata de migração.

Mas nem por isso as pessoas desejam primeiramente ir para Portugal: muitas não conseguem o valor necessário para uma viagem aos EUA e acabam escolhendo aquele país. Alguns relatos salientaram que muitos valadarenses migraram para o solo lusitano com o intuito de conseguir dinheiro para irem para a “América”, e outros para terem registro de viagens no passaporte com o objetivo de facilitar a aquisição do visto no consulado norte-americano. Esses artifícios refletem a consciência da população frente às dificuldades de retirada

do visto para os Estados Unidos, o que muitos moradores enfatizam como preconceito contra os valadarenses.

Portugal é um destino que não está vinculado a nenhuma construção histórico-social da cidade ou enraizado no universo simbólico dos valadarenses, como no caso dos Estados Unidos, mas que se tornou atrativo por estar mais acessível econômica e fisicamente aos emigrantes. Apesar de alguns autores indicarem que o fluxo para Portugal se intensificou a partir de 2001 devido à concessão de autorizações de permanência aos imigrantes com contrato de trabalho, as “APs” (PEIXOTO; FIGUEIREDO, 2006), percebemos que o estímulo à migração de muitos valadarenses em solo lusitano estava também relacionado ao menor custo da viagem e aos menores riscos de morte, como os que existem na travessia ilegal da fronteira entre México e Estados Unidos. A passagem para os EUA pela fronteira mexicana significa uma aventura perigosa: risco de morte, estupro, de prisão em solo mexicano ou americano. A última opção significa um longo período de prisão em presídios normais, lado a lado com criminosos comuns, esperando pela deportação (se for o primeiro caso de migração ilegal; se for um migrante reincidente, ele pode ficar preso e não ter direito à deportação).

As histórias de tragédias são constantes e correm entre os valadarenses, ativando uma espécie de medo coletivo. A viagem a Portugal oferece-se como possibilidade segura, com

nenhum risco à vida e menores riscos financeiros. Como se investe menos dinheiro, o trauma de uma deportação é menor. Este, na verdade, é o único risco: ser deportado e ter a entrada dificultada em toda a Europa.

Assim, vimos que o destino da migração tem se diversificado e Portugal aparece com a segunda opção. Como analisado por Machado (2005 e Capítulo 3 deste livro), a migração de valadarenses para Portugal é um fenômeno recente e relativamente crescente. Assim, se Valadares não é uma “sociedade de fronteira”, afinal se localiza num estado brasileiro que não faz divisa com nenhum país e não tem costa marítima, as implicações dos processos políticos e policiais de controle de entrada e hierarquização de populações, coordenados pelos Estados-Nação que estão nos caminhos migratórios dos valadarenses, são sentidas como se Valadares fosse efetivamente uma zona de fronteira. As condições de *mobilidade* (HEYMAN; CUNNINGHAN, 2004) dos valadarenses têm sido dificultadas no que tange à entrada nos EUA, implicando uma diversificação das movimentações.³⁴

Interessa aqui perceber que as decisões de migrar para os novos destinos são reguladas pelo que acontece no México

34 Pesquisa de campo realizada em Valadares pelos orientandos Fábio Stabelini, Amanda Fernandes Guerreiro, Roberta Morais Mazer e Flora Guimarães Serra, entretanto, tem identificado uma movimentação mais intensa de retorno, por conta da crise econômica mundial que eclodiu em finais de 2008.

e EUA e suas implicações e relações com o tradicional fluxo de trabalhadores para os EUA. Ou seja, para valadarenses, a fronteira México-EUA é próxima, cotidiana e presente. O que ali acontece tem consequências diretas nos planos de muitas famílias, caracterizando uma *situação de fronteira* relevante, determinando nas contas de candidatos a emigrantes e suas famílias a direção a ser tomada. Fronteiras geopolíticas distantes e as respectivas políticas de restrição à mobilidade humana por parte daqueles Estados têm implicações diretas na vida de valadarenses. Essa *situação de fronteira* e seus constrangimentos macroestruturais é caracterizada por diversos níveis entre fronteiras: as várias fronteiras físicas a serem atravessadas e suas distintas restrições, as fronteiras políticas impostas por esses Estados diversos no que tange à restrição da movimentação, a fronteira financeira para os sujeitos que pretendem enfrentar o projeto migratório e fronteiras simbólicas que tornam alguns destinos mais desejados que outros.

FRONTEIRAS SIMBÓLICAS: A FAMÍLIA E O DESEJO DE MIGRAR

No capítulo anterior descrevi um processo cultural que tem relação íntima com a migração, no caso, a construção de *Casas*. Temos verificado que as pessoas migram para construir o projeto futuro de suas famílias e constituir novas centralidades nas suas relações; estando longe, o que produz a

relação (o próprio parentesco) não é mais a convivência e o sangue, mas o envio de sinais diacríticos de presença e interesse no núcleo familiar (remessas, bens, telefonemas, e-mails, vídeos). Esse mecanismo configura-se na principal fronteira a ser analisada, aquela que impulsiona a migração e a sustenta, ou seja, a fronteira que se deseja criar como um *novo núcleo familiar*. As decisões de migrar, influenciadas pelas fronteiras geopolíticas que vimos na primeira parte deste capítulo, têm relações profundas com os processos de fissão e fusão de núcleos familiares, com sua constante movimentação de fronteiras *entre* pessoas de mesmas famílias.

FRONTEIRAS E UM PONTO DE VISTA ETNOGRÁFICO

Nos últimos anos a questão da fronteira enquanto um tema relevante da pesquisa antropológica tem sido uma referência na análise dos processos migratórios (cf. Heyman (1994), Grimson (2006), Donnan e Wilson (1999), entre outros), seja como uma referência a espaços fronteiriços ou como uma metáfora para processos que ocorrem *às margens*, neste sentido uma “antropologia da margem”. Heyman e Cunningham (2004) separam em duas vertentes os *border studies*: uma preocupada com sociedades geograficamente fronteiriças e outra que usa a fronteira como metáfora para processos de construção identitária na pós-modernidade, produzida principalmente pelos *estudos culturais*, mas também por antropólogos interessados na desconexão

entre território, Estado e identidade (os estudos de desterritorialização, por assim dizer). Os processos à margem são em geral conotados por uma análise de hibridizações e/ou mestiçagens, como no trabalho de Rosaldo (1989). O caminho é o movimento da análise de processos de interculturalidade (ou mestiçagens, ou hibridizações) em contextos geopolíticos de fronteira para a descoberta desses processos em outros contextos não geopoliticamente fronteiros, passando, portanto, à análise das margens e fronteiras fluidas das políticas das identidades.

De um deslocamento espacial para o da arena das identidades, temos uma espécie de descoberta entusiasmada da mistura nos processos identitários. O entusiasmo é causado por uma espécie de ingenuidade política muito similar àquela que deu tanto espaço aos *estudos culturais*: encontra-se uma ferramenta teórica que valoriza a identidade das populações em condições de subalternidade de toda ordem. E, de certa maneira, tenta-se “descentrar” as identidades hegemônicas. Em geral as relações de poder intragrupos ficam em segundo plano. Mesmo as dinâmicas culturais (ou identitárias) desses grupos ficam condicionadas ao lugar de confronto, evitação em relação a identidades (ou culturas) tidas como hegemônicas – sobre as quais, aliás, a prática é a construção essencialista de uma unidade indiferenciada.

Assim, as identidades subalternas só existem enquanto uma negação (em vários graus) da identidade hegemônica. Em termos antropológicos é, como diria Sahlins (2001) sobre

o trabalho de Obeyesekere (1997), uma espécie de antiantropologia, pois destitui os “despossuídos” de tudo que não seja um não dominante. Há pouco espaço para etnografias que revelem, portanto, a alteridade na prática. Essa é a proposta que pretendemos aqui elaborar, ou seja, pensar a construção das fronteiras a partir do grupo que emigra, e não em relação preponderante ao Estado e às identidades hegemônicas dos lugares de recepção dos migrantes, no caso de valadarenses em Portugal e de suas famílias em Valadares.

Vários autores chamam, criticamente, a atenção para esse processo de deslumbramento. Em geral o fazem através de etnografias que evidenciam complexidades inesperadas nos processos de hibridização (BALLINGER, 2004, por exemplo). Constatam-se, entre outras coisas, as diferenças históricas nesses processos: Heyman e Cunnighan (2004) e Grimson (2006), por exemplo, destacam a necessidade de fazer os *border studies* voltar às preocupações sócio-históricas e nelas inserir os universos simbólicos, para dar densidade etnográfica à fronteira como metáfora. Ou seja, é realizar os *border studies* enquanto arenas de estudos etnográficos em locais de fronteira *de fato*, dando ênfase ao papel dos estados nacionais nos mecanismos de construção identitária. O remédio para o que se considera exagero da fronteira como metáfora é o estudo histórico-etnográfico nas fronteiras territoriais.

No que se refere ao caso da migração, a tendência tem sido uma preocupação legítima com os processos macroestrutu-

rais que constroem os sujeitos e suas respostas culturais/criativas a essas forças, por um lado, ou, por outro, a análise dos processos de migração como transnacionais, implicando numa outra geografia (física e simbólica) das fronteiras. Assim, o grupo migrante de haitianos cria uma “transnação” *entre* os espaços geográficos nacionais haitianos e americanos, por exemplo (GLICK-SCHILLER; FOURON, 1998). Como algo essencialmente “entre”, esses espaços possuem geografias escorregadias, dinâmicas e vivas, relativas às vivências dos transmigrantes. Ambas as perspectivas são essenciais e trouxeram contribuições relevantes para o entendimento de processos migratórios, no presente ou no passado. Mas esse olhar pode ser complementado por uma perspectiva que, se não as contradiz, traz para perto das considerações as práticas e valores desenvolvidos pelos sujeitos migrantes.

Este capítulo procurou lidar com a questão da fronteira levando em conta essas análises críticas e buscando um olhar etnográfico a partir “de dentro” do grupo estudado (Viveiros de Castro (1999), entre outros). Entretanto, acreditamos que um olhar crítico sobre as fronteiras seja encontrado não somente nas etnografias transfronteiriças, mas também em *situações* fronteiriças. No caso, tratamos de verificar onde estão as fronteiras para os emigrantes brasileiros e seus familiares, na cidade de Governador Valadares. Demonstramos que há uma sucessão de fronteiras vivenciadas pelos sujeitos e tentamos aqui dar conta de duas delas: primeiramente o papel das fronteiras geopolíticas na decisão e no custo de migrar e

suas diversas implicações e, por fim, a questão que impulsiona a necessidade da migração, que é a fronteira entre famílias, o difícil processo de construir limites que definem novos núcleos familiares, também com suas diversas implicações.

Entre as duas fronteiras que analisamos, percebe-se imediatamente uma conexão: as “fronteiras internas”, por assim dizer, produzem a necessidade de cruzar as fronteiras geopolíticas e conduzem à diversificação dos destinos, quando o destino principal, os EUA, se torna cada vez mais inacessível. O jogo constante de produção de núcleos familiares independentes é entrecortado pela migração, que aparece como um atalho eficiente para a concretização desse sonho. Esse atalho é estrangido pelas fronteiras geopolíticas, determinando a intensidade da movimentação e, em certa medida, a direção do fluxo. Mas o atalho é uma necessidade para a construção de novas fronteiras familiares, ou seja, da constituição de núcleos familiares autônomos e potencialmente centralizadores de relações. São essas as fronteiras, portanto, que se conectam complexamente à movimentação. Construir “fronteiras internas” aos grupos familiares tem relações significativas com o cruzamento de fronteiras geopolíticas e com a constituição de fluxos constantes de migrações.

Assim, a própria relação com a movimentação é permeada por universos simbólico-culturais próprios à população migrante. É preciso uma etnografia que reflita sobre a inter-relação da migração com esses valores compartilhados,

como é o projeto da *Casa* própria em Valadares. Esse processo cultural é relevante na análise das movimentações valadarenses e na escolha dos destinos, pois permite entender como a mobilidade não é interrompida pelas políticas americanas de restrição à migração (e também mexicanas), mas apenas reconduzida a outro lugar que possibilite, ainda que menos eficientemente, a continuidade do jogo arriscado da migração. Assim, esperamos ter demonstrado o que significa uma contribuição a partir “de dentro” do grupo estudado: a intenção é entender o fenômeno da migração e circulação através de fronteiras a partir dos valores e símbolos correntes entre os emigrantes, no caso os valadarenses. Aqui chegamos à conclusão de que as “fronteiras externas” são cruzadas num processo conectado à criação de novas “fronteiras internas”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. G. *A formação da identidade do imigrante valadarense em Portugal*. Relatório final de iniciação científica (ProPg – UFSCar), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2006.

_____. *Valadarenses em Portugal: novas identidades e mercado de trabalho*. Relatório final de iniciação científica (Fapesp), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

ASSIS, G. O. Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadarense para os EUA. In: REIS, R. R.; SALES, T. (Org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

BALLINGER, P. “Authentic hybrids” in the Balkan borderlands. *Current Anthropology*, Merced, v. 45, n. 1, Feb. 2004.

DONNAN, H.; WILSON, T. *Borders: frontiers of identity, nation and state*. Oxford; Nova York: Berg, 1999.

- DURHAM, E. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FUSCO, W. Redes sociais nas migrações entre Governador Valadares e os Estados Unidos. In: CASTRO, M. G. (Coord.). *Migrações internacionais: contribuições para políticas*, Brasil 2000. Brasília: CNPD, 2001. p. 427-445.
- GLICK-SCHILLER, N.; FOURON, G. Transnational lives and national identities: the identity politics of Haitian immigrants. In: SMITH, M.; GUARNIZO, L. *Transnationalism from Below*. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998. (Comparative urban community research, v. 6).
- GRIMSON, A. Cultures are more hybrid than identifications: a dialogue on borders from the southern cone. *Latino Studies*, v. 4, n. 1, p. 96-119, 2006.
- GUERREIRO, A. *Os filhos da migração transnacional: novas estruturas familiares e a educação das crianças na região de governador Valadares*. Relatório final de iniciação científica (CNPq-PIBIC), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2008.
- HEYMAN, J. The Mexico-United States border in anthropology: a critique and reformulation. *Journal of Political Ecology*, Tucson, v. 1, n. 1, p. 43-65, 1994.
- HEYMAN, J.; CUNNINGHAM, H. Introduction: mobilities and enclosures at borders. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, v. 11, n. 3, p. 289-302, 2004.
- MACHADO, I. J. R. Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de alimentação: o caso dos brasileiros em Portugal. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 7, n. 1-2, p. 187-212, 2005.
- _____. Interação das fronteiras e o ponto de vista etnográfico: dinâmicas migratórias recentes em Governador Valadares. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, p. 167-187, 2009.
- MACHADO, I. J. R.; REIS, E. S. Algumas conclusões acerca do fluxo de valadarenses para Portugal. *Teoria & Pesquisa*, São Carlos, v. 16, n. 1, 2007.
- MARTES, A. C. B. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- OBEYESEKERE, G. *The apotheosis of Captain Cook*. European mythmaking in the Pacific. Princeton: Princeton University Press, 1997 [1992].
- PEIXOTO, J.; FIGUEIREDO, A. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In: MACHADO, I. J. R. (Org.). *Um mar de identidades: imigração brasileira em Portugal*. EdUFSCar: São Carlos, 2006.

REIS, E. R. *Questões sobre a indústria da emigração: conexões Portugal/Governador Valadares*. Relatório final de iniciação científica (CNPq-PIBIC), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2006.

_____. *Casamento e família em contexto migratório*. Relatório final de iniciação científica (CNPq-PIBIC), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

ROSALDO, R. *Culture and truth*. Boston: Beacon Press, 1989.

SAHLINS, M. *Como pensam os nativos: sobre o Capitão Cook, por exemplo*. São Paulo: Edusp, 2001.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SIQUEIRA, S. Emigrantes da microrregião de Governador Valadares nos EUA: projeto de retorno e investimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambú. *Anais...* Campinas: ABEP, 2006.

_____. O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA. *Nuevo Mundo-Mundos Nuevos*, v. 7, p. 21, 2007.

SOARES, W. Emigração e (I)mobilidade residencial: momentos de ruptura na reprodução/continuidade da segregação social no espaço urbano. In: REIS, R.; SALES, T. (Org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

STABELINI, F. *Parentesco, totemismo e sistemas de classificação no contexto migratório de Governador Valadares*. Relatório final de iniciação científica (CNPq-PIBIC), São Carlos, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Etnologia brasileira. In: MICELI, S. (Org.). *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. São Paulo; Sumaré; Brasília: ANPOCS, 1999.